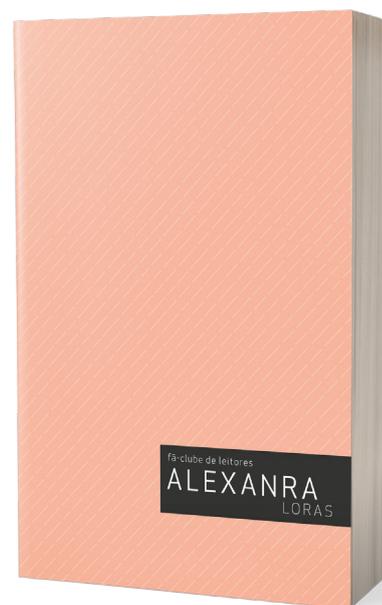
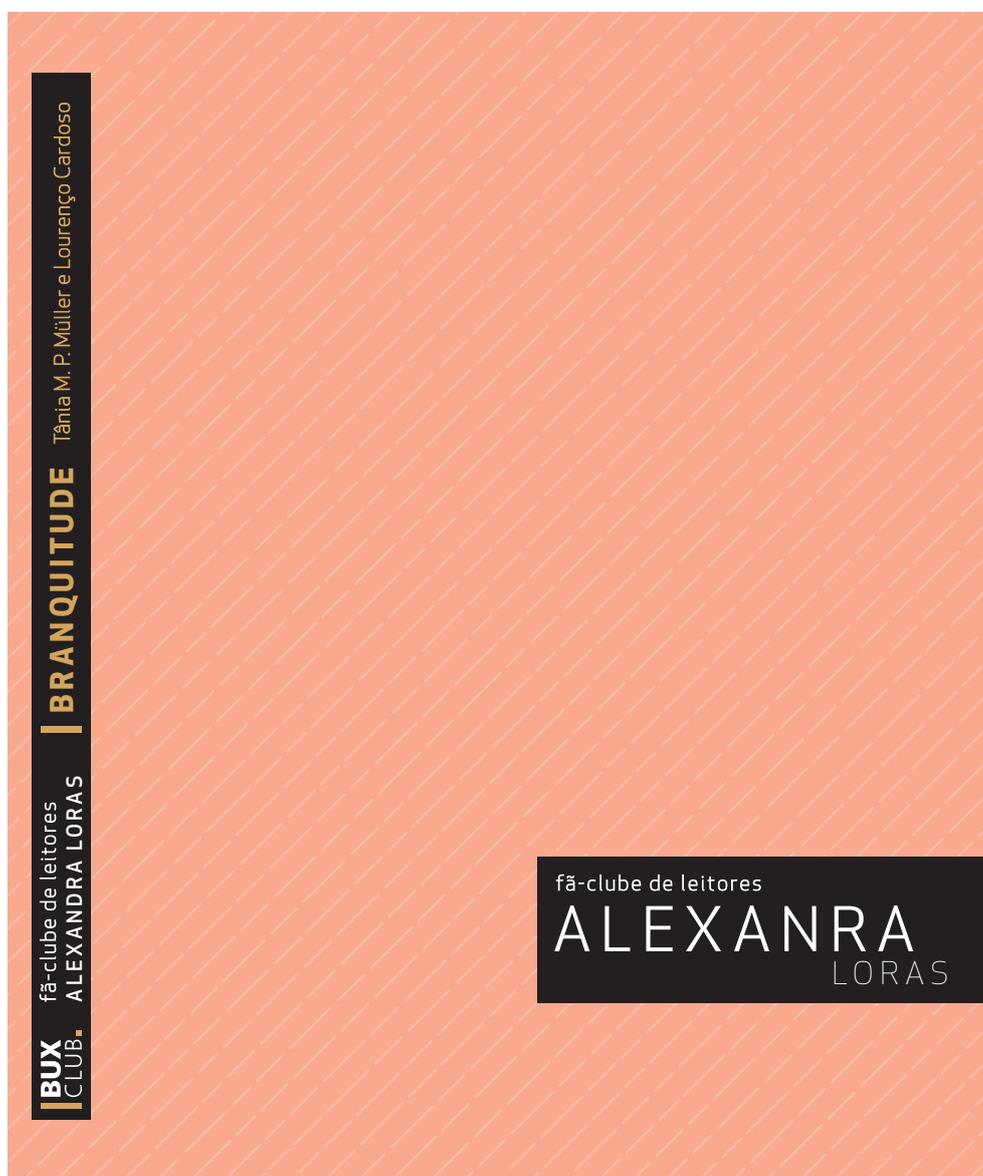




CAIXA



ETIQUETA A SER APLICADA NA CAIXA



SOBRECAPA

minha indicação

Este é um livro formador de opinião, que qualquer um que se interesse pelo tema "branquitude" deve ler. Eu descobri o significado da palavra no Brasil. É um conceito muito importante, porque ajuda a entender a raiz do nosso problema. O eurocentrismo apagou o talento de muitos negros, assimilando civilizações e culturas negras como brancas. Hoje, até mesmo um branco mendigo tem mais privilégios que um negro mendigo. O branco pode usar o banheiro dos supermercados e recebe mais dinheiro nas ruas. Ao mesmo tempo, uma criança negra fazendo malabarismos no semáforo para conseguir sobreviver é invisível aos olhos do branco. Esse mecanismo da branquitude é um potente matador de talentos. Imagine se déssemos aos mesmos negros que produzem o Carnaval a oportunidade de investir esse potencial na economia brasileira? O Brasil seria um foguete. ■

Alexandra Loras



Este marcador é meu cartão de visita, por isso o coloquei no primeiro mês do meu Fã-Clube de Leitura. Surgiu de uma postagem que fiz nas redes sociais com um alerta sobre o uso de frases preconceituosas. É uma sementinha de conscientização, para que as pessoas percebam que, mesmo sem querer, usam expressões racistas no dia a dia. Prepare-se: no próximo mês, vamos dar início a uma linda coleção!

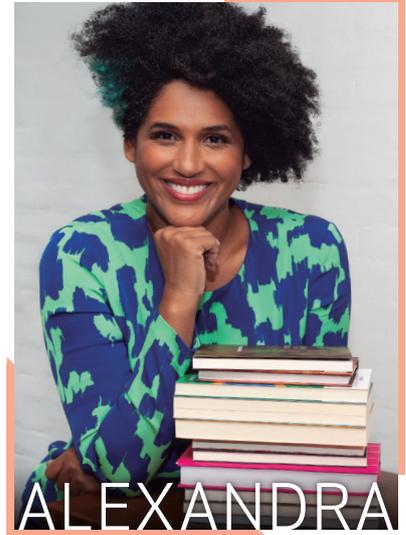


MAIS QUE CLUBES DE LEITURA,
SOMOS FÃ-CLUBES DE LEITORES.

www.buxclub.com.br

setembro • 2019

BUX CLUB.



ALEXANDRA LORAS

TÂNIA MÜLLER & LOURENÇO CARDOSO

BRANQUITUTE OS AUTORES

Em *Branquitude*, os pesquisadores Tânia Müller e Lourenço Cardoso mostram de forma clara e didática como a identidade branca classifica e inferioriza todas as outras raças. Por meio da "branquitude" - degrau mais alto da hierarquia racial no Brasil -, os brancos vêm desfrutando de privilégios ao longo da história e continuam tendo acesso às melhores oportunidades para perpetuar essa hierarquia já estabelecida.

A obra reúne 17 capítulos com trabalhos históricos, sociológicos e antropológicos sobre o tema, traçando assim uma radiografia complexa e detalhada da inércia da raça branca na luta contra a destruição de privilégios. A proposta dos autores é subverter a lógica dos estudos sobre a questão racial no Brasil. Isso porque, em geral, esses trabalhos abordam os efeitos do racismo e da hierarquização racial para os negros. Agora, *Branquitude* quer mostrar o outro lado: o lado privilegiado, que se beneficia dessa desigualdade. ■

“Nem sempre aquilo que é aprovado publicamente é ratificado no espaço privado. No ambiente particular, por vezes, opiniões ou teses podem ser desmentidas, ironizadas, minimizadas. Especialmente, quando se tratam de questões referentes ao conflito racial no Brasil. Já bem dizia Florestan Fernandes: 'o brasileiro possui preconceito de possuir preconceito'”

TÂNIA MÜLLER

É pós-doutora em antropologia social pela Universidade de São Paulo (USP) e doutora em educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Também é coordenadora do estudo em relações étnico-raciais, educação e formação docente na Universidade Federal Fluminense (UFF).

LOURENÇO CARDOSO

Ministra aulas na Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, é bacharel em história na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), mestre em sociologia na Universidade de Coimbra e doutor em ciências sociais na Universidade Estadual Paulista de Araraquara (UNESP-Araraquara). É dele a primeira dissertação de mestrado e também uma tese de doutorado sobre o tema da branquitude.

PREFÁCIO

KABENGELE MUNANGA

O prefácio do livro é de autoria do professor e antropólogo brasileiro-congolês Kabengele Munanga, especialista em antropologia da população afro-brasileira, com doutorado na USP.

BRANQUITUTE CRÍTICA

Um dos conceitos trabalhados por Müller e Cardoso é o da "branquitude crítica", que se refere aos exemplos positivos de consciência de privilégios e rejeição pública do racismo. O conjunto de textos aponta a forma como a conscientização dos brancos ajudaria a quebrar pelo menos parte do nosso modelo racista.

FREYRE

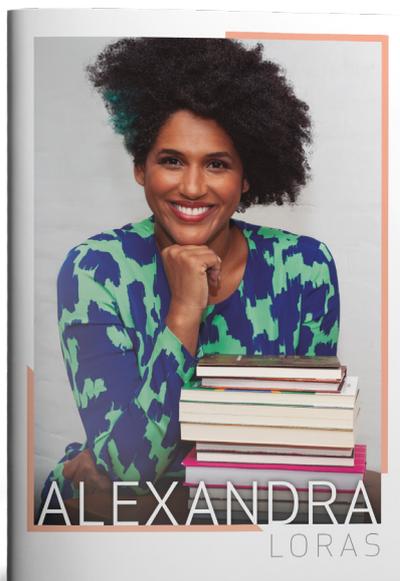
O primeiro autor a usar o termo "branquitude" foi Gilberto Freyre (1900-1987). O pernambucano é considerado um dos sociólogos mais importantes do século XX e escreveu obras marcantes para entender a questão racial no Brasil, como *Casa-grande & senzala* (1933), *Interpretação do Brasil* (1947) e *Os escravos nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX* (1963).

“PARA OS BRASILEIROS, UMA DAS MAIORES DIFICULDADES É A CONFISSÃO DE QUE SÃO RACISTAS. MUITOS BRANCOS AFIRMAM QUE NÃO HÁ RACISMO, MAS SIM UMA QUESTÃO SOCIAL. MAS AFINAL O QUE É SOCIAL? TUDO É SOCIAL.”

- Kabengele Munanga, em entrevista para o portal Geledés

DESIGUALDADE

Um levantamento do Ministério do Trabalho realizado em 2018 para marcar os 130 anos da Lei Áurea mostrou como o Brasil está distante da igualdade racial. Aqui, os brancos correspondem a 92% dos engenheiros de computação, 90% dos engenheiros mecânicos e 87% dos professores de matemática. Em contrapartida, os negros são 93% dos cultivadores de dendê, 78% dos plantadores de cacau e 75% dos trabalhadores de canaviais.



ALEXANDRA LORAS

ENCARTE



ALEXANDRA

LORAS

TÂNIA MÜLLER & LOURENÇO CARDOSO

BRANQUITUTE

Em *Branquitude*, os pesquisadores Tânia Müller e Lourenço Cardoso mostram de forma clara e didática como a identidade branca classifica e inferioriza todas as outras raças. Por meio da “branquitude” – degrau mais alto da hierarquia racial no Brasil –, os brancos vêm desfrutando de privilégios ao longo da história e continuam tendo acesso às melhores oportunidades para perpetuar essa hierarquia já estabelecida.

A obra reúne 17 capítulos com trabalhos históricos, sociológicos e antropo-

lógicos sobre o tema, traçando assim uma radiografia complexa e detalhada da inércia da raça branca na luta contra a destruição de privilégios. A proposta dos autores é subverter a lógica dos estudos sobre a questão racial no Brasil. Isso porque, em geral, esses trabalhos abordam os efeitos do racismo e da hierarquização racial para os negros. Agora, *Branquitude* quer mostrar o outro lado: o lado privilegiado, que se beneficia dessa desigualdade. ■

“Nem sempre aquilo que é aprovado publicamente é **ratificado** no espaço privado. No ambiente particular, por vezes, **opiniões** ou teses podem ser **desmentidas**, ironizadas, minimizadas. Especialmente, quando se tratam de questões referentes ao **conflito racial** no Brasil. Já bem dizia **Florestan Fernandes**: ‘o brasileiro possui **preconceito** de possuir preconceito’.”

OS AUTORES

TÂNIA MÜLLER

É pós-doutora em antropologia social pela Universidade de São Paulo (USP) e doutora em educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Também é coordenadora do estudo em relações étnico-raciais, educação e formação docente na Universidade Federal Fluminense (UFF).

LOURENÇO CARDOSO

Ministra aulas na Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, é bacharel em história na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), mestre em sociologia na Universidade de Coimbra e doutor em ciências sociais na Universidade Estadual Paulista de Araraquara (UNESP-Araraquara). É dele a primeira dissertação de mestrado e também uma tese de doutorado sobre o tema da branquitude.

PREFÁCIO

KABENGELE MUNANGA

O prefácio do livro é de autoria do professor e antropólogo brasileiro-congolês Kabengele Munanga, especialista em antropologia da população afro-brasileira, com doutorado na USP.

BRANQUITUDE CRÍTICA

Um dos conceitos trabalhados por Müller e Cardoso é o da “branquitude crítica”, que se refere aos exemplos positivos de consciência de privilégios e reprovação pública do racismo. O conjunto de textos aponta a forma como a conscientização dos brancos ajudaria a quebrar pelo menos parte do nosso modelo racista.

FREYRE O primeiro autor a usar o termo “branquitude” foi Gilberto Freyre (1900-1987). O pernambucano é considerado um dos sociólogos mais importantes do século XX e escreveu obras marcantes para entender a questão racial no Brasil, como *Casa-grande & senzala* (1933), *Interpretação do Brasil* (1947) e *Os escravos nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX* (1963).

“PARA OS BRASILEIROS, UMA DAS MAIORES **DIFICULDADES** É A CONFISSÃO DE QUE SÃO **RACISTAS**. MUITOS BRANCOS AFIRMAM QUE NÃO HÁ RACISMO, MAS SIM UMA **QUESTÃO SOCIAL**. MAS AFINAL **O QUE É SOCIAL?** TUDO É SOCIAL.”

- Kabengele Munanga, em entrevista para o portal Geledés

DESIGUALDADE

Um levantamento do Ministério do Trabalho realizado em 2018 para marcar os 130 anos da Lei Áurea mostrou como o Brasil está distante da igualdade racial. Aqui, os brancos correspondem a 92% dos engenheiros de computação, 90% dos engenheiros mecânicos e 87% dos professores de matemática. Em contrapartida, os negros são 93% dos cultivadores de dendê, 78% dos plantadores de cacau e 75% dos trabalhadores de canaviais.

MAIS QUE CLUBES DE LEITURA,
SOMOS FÃ-CLUBES DE LEITORES .

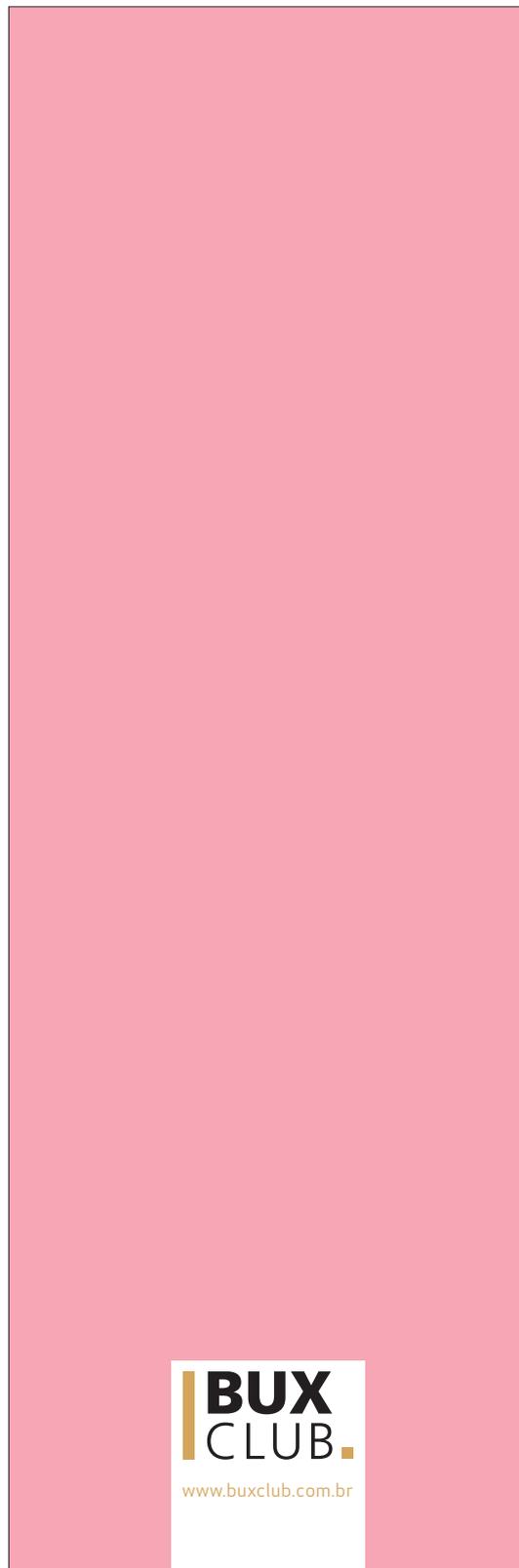
www.buxclub.com.br

setembro • 2019

BUX
CLUB.



MEMO - FRENTE



MEMO - VERSO